

O REALISMO NA PROSA PORTUGUESA

META

Apresentar um conhecimento panorâmico da prosa realista portuguesa, de suas características, nos gêneros romance e conto, detendo-se, em particular na obra de Eça de Queirós, sem dúvida, seu maior representante.

OBJETIVOS

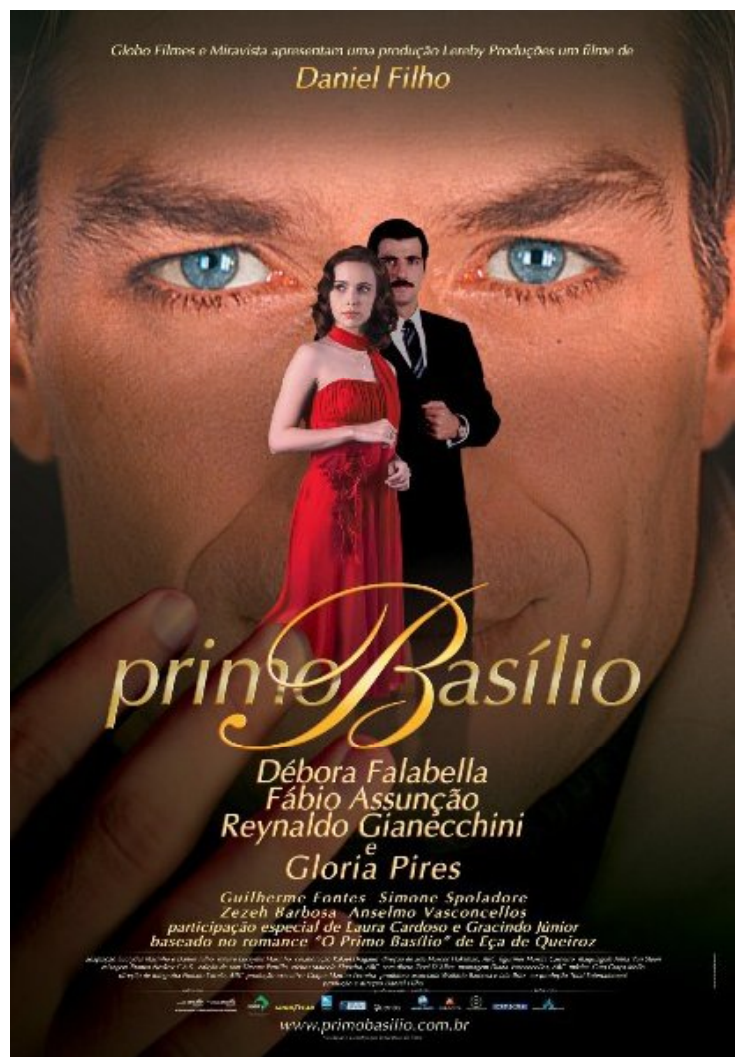
Ao final desta aula, o aluno deverá:

- compreender a prosa realista em seu espaço e tempo histórico, inserida em sua cultura, como obra de combate e de ação transformadora da sociedade;
- reconhecer as características da prosa de ficção realista em Portugal ;
- conhecer peculiaridades da vida e obra de Eça de Queirós;
- desenvolver a capacidade de compreensão crítica do texto literário;
- estimular o espírito crítico e investigativo dos discentes.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura das lições 8 e 9, sobre o Realismo em Portugal;
conhecimento de noções básicas de teoria do romance e do conto;
leitura das obras de Eça de Queirós:
O Mandarim e Alves & Cia.

Cartaz do filme *Primo Basílio*, baseado no livro homônimo de Eça de Queirós, considerada sua obra prima.
(Fontes: <http://1.bp.blogspot.com>)



INTRODUÇÃO

Caro aluno, a aula atual trata da prosa de ficção em Portugal. Sem dúvida, uma curiosidade nos inquieta: A prosa realista, como a poesia, também causou turbulência social? O romance seguiu os passos do romance romântico ou os escritores tiveram o intuito de transformar a sociedade, como os poetas realistas? É uma curiosidade natural que surge em todos nós que nos debruçamos sobre o estudo da literatura portuguesa.

O romance continuou como gênero utilizado, mas, agora, voltado para a observação e crítica da realidade; caracterizou-se, também, pela intenção de transformá-la. A postura do realista, diferentemente da do artista romântico, implicou racionalismo e objetividade ante o objeto analisado, passando a ser, no Realismo, “obra de combate, arma de ação transformadora da sociedade burguesa dos fins do século XIX” (MOISÈS, 1999, p. 189).

Vejamos, no desenvolvimento da aula, as características essenciais do romance realista português e, sobretudo, do apaixonante escritor que causou tantas controvérsias, sendo alvo do amor ou do ódio dos portugueses de seu tempo.



Cenas do filme *O Crime de Padre Amaro*, lançado em 2002, baseado na obra *Eça* de Queiróz (Fontes: <http://cinemacomrapadura.com.br>)

A PROSA REALISTA: O ROMANCE E O CONTO

O romance realista abandona o projeto romântico, que visava o entretenimento e se fundamentava, sobretudo, na intriga, no enaltecimento ao casamento e em suas decorrências de ordem moral e afetiva e passa a ser um instrumento de luta e de transformação da sociedade.

De atitude antirromântica, o romance realista (e naturalista) tem em vista apontar os erros fundamentais da mentalidade romântica e propõe-se a revelar que suas bases estavam intensamente corroídas. Critica os pilares do estilo de vida romântico, representados pela Burguesia, Monarquia e Clero, que não mais se sustentavam nem tinham forças capazes de resistir ao impulso das descobertas filosóficas e científicas da segunda metade do século XIX.

Para os realistas, o casamento constituía o cerne de destruição dos alicerces burgueses, uma vez que se fundava na da luxúria, no conforto material ou nos camufladas pactos sociais, daí porque tanto o romance realista como o naturalista têm como nóculo dramático o adultério. Conforme Moisés, 1999, p. 190, “o bisturi ia diretamente à grande chaga social e expunha-a friamente, no intuito inicial e principal de moralizar, reformar, pela revelação do erro. Dar-se-ia à burguesia a possibilidade de tomar consciência da situação e de encontrar saída honrosa para ela”.

Outra preocupação dos realistas foi com a criação estética, que passou a ser vista como um trabalho paciente e demorado, fruto de elaboração metódica, como as pesquisas científicas. Assim, fruto de um trabalho metucioso e analítico, “ tudo caminha devagar, à busca de pormenores que, somados, dão o quadro total da psicopatologia das personagens e faz prever a terapêutica correspondente. O valor do romance está nessa análise e na intriga. Põe-se a serviço desse intuito a preocupação pelo estilo, o controle preciso dos elementos que compõem a narrativa”. (Ibidem, idem).

O conto segue direção idêntica à do romance, tanto que se revelam, neste período não apenas grandes romancistas como grandes contistas. Como representantes maiores desses estilos em prosa, temos Eça de Queirós e Fialho de Almeida. Outros, embora em plano inferior, merecem referência, a exemplo de Abel Botelho, Francisco Teixeira de Queirós, José Francisco de Trindade Coelho e o Conde de Arnoso (Bernardo Pinheiro).

EÇA DE QUEIRÓS E O ROMANCE REALISTA

Segundo Azevedo Filho (1987, p. 92), “Eça de Queirós consolidou o gênero do romance na literatura portuguesa do seu tempo”. Para ele, embora seus romances façam crítica ao mundo da burguesia decadente, seu objetivo maior era substituí-lo por outro mundo também burguês, mas não decadente. Ao dar ênfase aos aspectos burlescos da sociedade e destaque

aos preconceitos provenientes do passado, Eça os expõe ao julgamento do mundo contemporâneo, fazendo de seu romance um instrumento a serviço da reforma social. De acordo com Dantas,

Victor Hugo

Poeta e romancista francês, teve grande atuação política em seu tempo, a ponto de escrever romances de cunho social como, entre outras, “Os miseráveis”, “Notre-Dame de Paris” e “Os trabalhadores do mar”.

A trajetória do escritor Eça de Queirós nunca perdeu de vista as motivações sociais. É certo que com o rolar dos anos a virulência de sua voz foi pouco a pouco se atenuando, mas até o termo da sua produção romanesca, nunca deixou ele de se abastecer em referências de ordem sociológica e documental; nunca deixou de criar flagrantes da vida real, do seu tempo e da sua gente. A sua opção pública de intelectual em sintonia com as questões sociais e literárias de sua época já está tomada desde 1871, quando, por ocasião das Conferências do Casino, apresenta a palestra, cujo título, *A Literatura Nova – O Realismo como Nova Expressão da Arte*, já identifica as preocupações que sempre o acompanharão (DANTAS, 1999, p. 41) grifos do autor.

Se por um lado, o romance de Eça tem como fito promover o ataque e a destruição dos valores decadentes da sociedade burguesa em Portugal, por outro, tem o compromisso de defender os ideais filosóficos e científicos que moviam a geração de sua época. Era imprescindível, portanto, derrubá-los, substituí-los por outros mais coadunados com o espírito da época. Daí o seu estilo anti-monárquico, anti-clerical e anti-burguês.

Nerval

Cujo nome verdadeiro é Gérard de Labrunie. Foi um dos célebres poetas franceses do século XIX. Atraído pela literatura alemã desde cedo, especialmente pelos “Contos fantásticos” de Hoffmann e “Goethe”, depois se desperta para o esoterismo e o ocultismo, que o levam a uma viagem ao Oriente. Desenvolveu uma obra marcada por uma melancolia, como se vê em *As filhas do fogo*, *Os amores de Viena*: *a Pandora e Aurélia* ou *o sonho e a vida*.

A obra de José Maria de Eça de Queirós pode ser dividida em três fases: a primeira, do período de 1866 a 1875; a segunda de 1875 a 1887; a terceira, de 1887 até o fim de sua vida.



PRIMEIRA FASE

Nela, revelando forte inclinação para o romantismo fantasioso, produziu vários folhetins para a “Gazeta de Portugal”, que, posteriormente, compuseram as “Prosas bárbaras”, como também artigos para “As Farpas”, depois reunidos em “Uma campanha alegre”. Ainda dessa fase é a obra “O mistério da estrada de Sintra”, escrita em parceria com Ramalho Ortigão e publicada em folhetins no “Diário de Notícias”, durante dois meses.

Há dois fatos curiosos, em relação à última obra. O primeiro diz respeito à distância física entre os dois escritores, Ramalho Ortigão residindo em Liz e Eça de Queirós, em Lisboa: cada um enviava ao jornal, alternadamente, a parte que lhe cabia, desenvolvendo-se, assim, um enredo não premeditado. O segundo é decorrente das anotações de viagem que Eça de Queirós fez ao Egito, nos anos de 1869 e 1870.

É nessa fase que Eça de Queiroz, influenciado por **Victor Hugo, Michelet, Nerval, Heine e Baudelaire**, ingressa no romantismo social, desenvolvendo um lirismo sombrio e dilacerado, como se observa no seguinte trecho de “Notas marginais”:

Andamos todos sofrendo. Passamos lentos, desconsolados e alumiados pelo sol negro da melancolia. Nem largos risos, nem bênçãos fecundas. A esperança fugiu para além das estrelas, das nuvens e dos caminhos lácteos. Nos corações nascem amores sombrios e loucos. E tudo porque um dia nasceu uma criança estranha, que foi alimentada com um leite mórbido como a Lua, e envolta numa túnica lívida como a morte!

SEGUNDA FASE – REALISTA

Inicia-se com o encerramento da Questão Coimbrã, sendo Eça de Queirós o primeiro autor da prosa realista portuguesa, com a obra “O crime do padre Amaro” (1875). Em nítida oposição à perspectiva romântica que até então seguia, ressurgiu o autor explorando temáticas polêmicas da sociedade em que vivia, com ênfase nas críticas à religião, à burguesia e à monarquia, inspirado pela iniciativa de Balzac, na França. Em certa feita, assim ele se manifestou:

Grande e poderosa arte, fazendo um profundo e sutil inquérito a toda a sociedade e a toda a vida contemporânea, pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo na sua santa missão da verdade ocultar detalhe nenhum por mais torpe, como na sua científica necessidade de exatidão, um livro de anatomia não pode omitir o estado de nenhuma função e de nenhum órgão.

A religião, sem dúvida, tem grande ênfase, porque não só é retomada como tema central em “A relíquia” (1887) e, finalmente, no conto “Suave milagre” (1898), publicado inicialmente com o título “Outro amável milagre” (1885), mas também é introduzida, quase necessariamente, entre as temáticas de outras suas obras de relevo. Em “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia”, revela Eça de Queirós seu propósito de explorar o que seriam casos típicos da vida social, visualizando-os na perspectiva coletiva e não de indivíduos. Assim se expressa o escritor português:

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa tal qual o fez o Constitucionalismo de 1830 e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam – eles e elas. E o fim nas Cenas Portuguesas. É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso e, com

Jules Michelet

Historiador engajado no romantismo político, autor de várias obras, entre elas, a entusiasta *História da Revolução Francesa*, foi um dos primeiros a considerar o povo na condição de agente histórico de seu próprio destino.

Heine

Foi um dos grandes poetas do romantismo alemão. Muitas de suas poesias foram musicadas por compositores célebres como Brahms, Mendelssohn, Schumann, Schubert e Wagner. Desenvolveu uma obra intensamente marcada pelo engajamento social e político, tornando-se muito conhecido por suas ironias e sarcasmos em relação à sociedade alemã.

Baudelaire

Um dos maiores poetas e teóricos de artes da França, no século XIX, é considerado, por muitos, como precursor do Simbolismo, embora sua obra máxima, *As flores do mal*, foi considerada não só um marco da poesia simbolista, mas, inclusive, da moderna.

todo respeito pelas instituições de origem eterna, destruir as falas interpretações e falsas realizações que lhe dá uma sociedade podre (destaque no original).

Para mostrar o declínio da instituição burguesa, Eça, a exemplo de outros autores realistas europeus, ataca frontalmente o seu núcleo: o casamento, “trazendo a nu as misérias que o destroem como alicerce da Burguesia, misérias essas condensadas no adultério, tornado lugar-comum elegante” (MOISÈS, 1999, p. 190)

Não podem aqui ficar esquecidas as duras e, até, irreverentes, palavras ecianas, em carta dirigida a Ramalho Ortigão, falando de seus propósitos:

O que eu quero fazer é dar um grande choque elétrico ao enorme porco adormecido (refiro-me à Pátria). Você dirá: qual choque, ingênuo?! O porco dorme; podes-lhe dar quantos choques quiseres nos livros, que o porco há de dormir! O destino mantém-no na sonolência e murmura-lhe: dorme meu porco.

O fato é que a ironia e, mesmo, a irreverência são as tônicas da obra realista de Eça de Queirós. Foram os recursos que ele utilizou para repudiar de vez as esquematizações positivistas e algumas ideias realistas e naturalistas. Os personagens das obras dessa fase são pessoas equivocadas, moralmente ambíguas, presas a vícios e inconsequências. É nesse ambiente que as poucas personagens mais simpáticas ao leitor circulam, muito embora o autor não se tenha preocupado com os camponeses, operários e a pequena burguesia laboriosa, enfim, a exploração capitalista do trabalho humano, as lutas de classe.

TERCEIRA FASE – PÓS-REALISTA

Nessa fase, Eça de Queirós afasta-se do que se pode denominar realismo-naturalismo, retomando a fantasia. Entre as razões dessa mudança, segundo alguns estudiosos, destaca-se, particularmente, sua carreira diplomática, que o obrigou a ficar afastado de Portugal por longo tempo, o que muito o distanciou das mazelas da realidade social do mundo lusitano. Escreve ele, da Inglaterra, onde passou grande parte de seus dias, a Ramalho Ortigão:

Para escrever qualquer página, qualquer linha, tenho de fazer dois violentos esforços: desprender-me inteiramente da impressão que me dá a sociedade que me cerca e evocar, por um retesamento da reminiscência, a sociedade que está longe. Isto faz com que os meus personagens sejam cada vez menos portugueses - sem por isso serem ingleses: começaram a ser convencionais, vão-se tornando

uma maneira. [...] De modo que estou nesta crise intelectual: ou tenho de me recolher ao meio onde posso produzir, por processo experimental – isto é, ir para Portugal –, ou tenho de me entregar à literatura puramente fantasista ou humorista.

Fase marcada pela desilusão e pela renúncia dos ideais realistas, em que Eça de Queirós passa a acatar outros valores, como a política colonialista, o nacionalismo e a vida no campo. O saudosismo, o nacionalismo, a preocupação moral e, mesmo um otimismo moderado tomam o lugar da insatisfação e do pessimismo, do ceticismo e da ironia. Utilizando-se um vocabulário mais pobre, sem as estruturas complexas e sem os purismos dos clássicos que o antecederam, Eça de Queirós consegue, de forma maleável e harmoniosa, bem mais do que qualquer outro elevar a língua portuguesa e níveis dantes nunca imaginados. É o que se observa, sem dificuldades, em *A correspondência de Fradique Mendes* e *A cidade e as serras*.

COMENTÁRIOS SOBRE ALGUMAS OBRAS DO AUTOR

O crime do padre Amaro

O cenário do romance, um dos mais difundidos de Eça de Queirós, é a cidade portuguesa de Leiria, com sua sociedade provinciana, conservadora, religiosa e aparentemente pacata. Ao tom malicioso, cheio de observações sutis, impõem-se aspectos psicológicos brilhantes. As personagens centrais, padre Amaro e Amélia, mantêm um romance que chega a relações íntimas, sendo ela abandonada pelo religioso depois de engravidada. Na obra, Eça de Queirós aprofunda-se na questão do caráter das pessoas, da moralidade e do celibato clerical, o que deu causa a inúmeras polêmicas e a veementes protestos da Igreja Católica.

Vários autores brasileiros sofreram influências dessa obra, entre elas, Graciliano Ramos, em *Caetés*, Aloísio de Azevedo, em *O mulato* e Inglês de Souza, em *O missionário*.

O primo Basílio

Por muitos, considerada sua obra prima, nela, o autor volta-se contra a burguesia de Lisboa, detendo-se em um lar aparentemente perfeito, puro e respeitoso, para mostrar suas bases falsas e podres. Luísa, mulher criada sob os paradigmas da época, convenientemente casada com Jorge, um engenheiro bem sucedido, tem a vida ideal da mulher urbana de seu tempo, entregue às rotinas do ócio, do fastio e das futilidades. Com a viagem a

negócios do marido ao interior do país e o aparecimento de Basílio, um primo, esse modo de viver é repentina e radicalmente interrompido. Os encantos do primo tornam-na sua amante apaixonada e cartas são trocadas entre os dois.

Algumas das cartas acabam nas mãos de Juliana, criada de Luísa, a outra face da mentalidade burguesa. Movida pelo tédio e uma insatisfação amarga com a vida, além de um ódio extremo à patroa, passa a exercer um vingativo e tirânico domínio sobre ela. O esposo, regressando da viagem, toma conhecimento do ocorrido e, tardiamente, perdoa Luísa, já que ela falece. Basílio, modelo dos dândis lisboetas da época, continua sua vida de sedutor ordinário, irresponsável e inconsequente.

Todos os personagens de *O primo Basílio* retratam, necessariamente, os tipos comuns da sociedade lisboeta. Um exemplo é o conselheiro Acácio com seus formalismos e maneiras afetadas:

Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto, aguçado no queixo, ia-se alargando até a calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto; tingia os cabelos que de uma orelha a outra lhe faziam colar por trás da nuca – e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; [...] Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras [...].

Fora, outrora, diretor-geral do ministério do reino e sempre que dizia – El-Rei! – erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais, não dizia vomitar, fazia um gesto indicativo e empregava restituir.

Em carta dirigida a Teófilo Braga, Eça de Queirós observou quanto a seu romance:

[...] vendo-me tomar a família como assunto, pensa que eu não devia atacar essa instituição eterna, e devia voltar o meu instrumento de experimentação social contra os produtos transitórios, que se perpetuam além do momento que os justificou, e que de forças sociais passaram a ser empecilhos públicos. Perfeitamente: mas eu não ataco a família – ataco a família lisboeta – a família lisboeta produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e mais tarde ou mais cedo centro de bambochata. Em *O Primo Basílio* que apresenta, sobretudo, um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa [...].

O mandarim

Obra de menor porte, escrita em Bristol, Inglaterra, e publicada em 1880, é mais considerada um conto do que um romance, já que possui

um só personagem central e desenvolve-se em um só ato. Influenciado pelo orientalismo então em voga, Eça de Queirós concentra-se na questão de um indivíduo inescrupuloso, o que lhe permite expor sobre o egoísmo extremado e criminoso.

A relíquia

Publicado em 1887, foi escrito na primeira pessoa do singular e, como *O mandarim*, reflete influências orientalistas. Originariamente, recebeu o subtítulo *Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia*.

O protagonista do romance, Teodorico Raposo, narra sua viagem ao Oriente Médio, após decepção amorosa, entendendo que propicia “uma lição lúcida e forte” de vida. Na abertura da obra, faz alusões a pretensos casos que provocaram mudanças relevantes em sua vida, especialmente em relação a uma herança de que se imaginava merecedor. Todavia, logo adiante, no prosseguimento do texto, revela um segundo objetivo, o de corrigir falsas informações sobre ele, registradas em “Jerusalém passeada e comentada”, obra de seu amigo Topsisius, um alemão:

Há porém um ponto de JERUSALÉM PASSEADA que não posso deixar sem enérgica contestação. É quando o doutíssimo Topsisius alude a dois embrulhos de papel, que me acompanharam e me ocuparam, na minha peregrinação, desde as vielas de Alexandria até às quebradas do Carmelo. Naquela forma rotunda que caracteriza a sua eloquência universitária, o dr. Topsiu diz: – “O ilustre fidalgo lusitano transportava ali restos dos seus antepassados, recolhidos por ele, antes de deixar o solo sacro da pátria, no seu velho solar torreado!...” Maneira de dizer singularmente falaz e censurável! Porque faz supor à Alemanha erudita que eu viajava pelas terras do Evangelho – trazendo embrulhados num papel pardo os ossos de meus avós!

A sátira ao sentimento religioso é mais do que evidente. Da Terra Santa, deveria Teodorico Raposo levar uma relíquia para sua Tia Patrocínio, a Titi, uma beata velha e rica, de quem ele pretendia ser herdeiro. Assoberbado com seu caso amoroso com uma inglesa, Mary, ele, para atender à tia, embrulha uma coroa improvisada com o galho de árvore espinhenta. Todavia, de volta a Portugal...

Acordando de seu langor, trêmula e pálida, mas com a gravidade d’um pontífice, a Titi tomou o embrulho, fez mesura aos santos, colocou-o sobre o altar; devotamente desatou o nó do nastro vermelho; depois, com o cuidado de quem teme magoar um corpo divino, foi desfazendo uma a uma as dobras do papel pardo... Uma brancura de linho apareceu... A Titi segurou-a nas pontas dos dedos, repuxou-a bruscamente – e sobre a ara, por entre os santos, em cima das camélias, aos pés da Cruz – espalhou-se com laços e rendas, a camisa de dormir da Mary!

[...] E pregado nela por um alfinete, bem evidente ao clarão das velas, o cartão com a oferta em letra encorpada: – “ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, uma lembrança do muito que gozamos!”

(fragmento do livro *A relíquia*)

Os Maias

Eça de Queirós, com *Os Maias*, uma de suas obras mais conhecidas, publicada em 1888, encerrou sua fase socialmente engajada, abandonando a crítica à sociedade portuguesa e, muito especialmente, à burguesia lisboeta, suas futilidades, credices, preconceitos e vida religiosa. Trata-se de um romance com trama complexa, que, atendo-se às relações incestuosas entre dois personagens, os irmãos Carlos da Maia e Maria Eduarda, estende-se por três gerações da família Maia.

Carlos da Maia é um personagem que se equilibra entre seus apegos à Ciência e às mulheres. Exerce a profissão de médico por diletantismo, por prazer, e não por obrigação. Educado à inglesa por seu avô, Afonso da Maia, um patriarca que não resistiu à decadência familiar, torna-se um homem atraente, tanto por seu aspecto físico quanto sua intelectualidade, completamente diferente de seu pai, Pedro da Maia, um indivíduo pequeno, frágil, melancólico, de temperamento instável. Sua educação foi rigorosamente aporuguesada e beatificada, por determinação de sua mãe, Maria Eduarda Runa, uma mulher conservadora e ultracatólica.

A mãe de Carlos da Maia é Maria Monforte, que foge com um napolitano, levando sua única irmã. O pai, Pedro da Maia, que acolhera o napolitano em sua casa, não resiste ao impacto e suicida-se. Com isso, Carlos da Maia é convencido de que sua irmã tinha falecido e ela, por sua vez, acredita que teve apenas uma irmã, falecida em Londres. Por conseguinte, os dois quando se encontram, desconhecem de todo o passado que os unia. Surge uma paixão entre os dois, a ponto de sobreviver à revelação desse passado.

Vários personagens seriam característicos do que se entendia como modelos da época. Um deles, João da Ega, filho de uma rica e beata viúva, amigo de Carlos da Maia desde os tempos do curso de Medicina, em Coimbra, e seu confidente, é um revolucionário inofensivo e contraditório, que prega uma revolução aniquiladora e, como alternativa, a invasão de Portugal pela Espanha. Proclama-se anarquista, nega Deus e a moral, mais preocupado em escandalizar as pessoas com os efeitos de sua retórica, além de conceber projetos literários que nunca executava. Faz-se de defensor feérico dos valores da escola realista, mas, na prática, não passa de um romântico simplório.

Outro é Craft, um inglês rico e boêmio, colecionador de bricabraques, aparenta ser correto, de bons hábitos e incorruptível, “[...] homem baixo, louro, de pele rosada e fresca, e aparência fria. Sob o fraque correto percebia-se uma musculatura de atleta”.

Há, ainda, Tomás de Alencar, amigo íntimo dos Maias, falso moralista e incoerente, defasado em seu tempo, a ponto de considerar o realismo e naturalismo imorais.

Além desses, é válido acrescentar o Sr. Cohen, um homem cínico e calculista. Apesar de suas funções e elevada posição que desfruta, exime-se de qualquer responsabilidade com o destino do país, pouco se preocupando com o fato de ele estar a caminho da bancarrota. Sua esposa, uma mulher de grande beleza, é imoral, mantém um adultério com João da Ega e, depois, com Dâmaso Salcedo, filho de um agiota, presunçoso, covarde, mentiroso, indigno e tacanho, representante do novo-riquismo e dos vícios de Lisboa da segunda metade do século XIX.

No romance, são sucessivas as visões críticas e caricaturais da vida e da sociedade lisboeta. Na corrida de cavalos, em que se anuncia o cosmopolitismo e a equiparação de Lisboa às demais capitais européias, especialmente Paris, o que se verifica é um hipódromo que mais parece um palanque de arraial. E mais: as pessoas não sabem identificar e ocupar seus lugares, as mulheres usavam vestidos por demais sérios, de missa, o bufete tinha um aspecto repugnante e uma das corridas, logo a primeira, acaba em pancadaria. Quanto à imprensa, Eça de Queirós não podia ser mais preciso: a redação de “A corneta do Diabo”, periódico dirigido por um indivíduo imoral, Palma “Cavalão, é um antro de imundície e porcaria, sendo inúmeros os folhetins reles e de baixo nível publicados; já “A tarde” é instrumento de sórdidas vinganças políticas e só publica o que é do interesse de seu diretor, um deputado, ou de seus correligionários. Enfim, o que se apura na mídia impressa é, tão-somente, a intriga, a sordidez, favoritismos políticos viciados, sendo ela o retrato do próprio país.

A correspondência de Fradique Mendes

Publicado em 1900, no romance, Fradique, personagem completamente fictícia, em nada espelhada em qualquer pessoa da realidade, embora fosse um grande homem, é um diletante que cultua o máximo de emoções e ideias, não obstante tenha ojeriza a qualquer atuação coletiva. Enquanto condena os livros, vive entre eles; se reprova os jornais, nunca deixa de lê-los.

Para forçar a ideia de que Fradique é real, Eça de Queirós vale-se personagens autênticas, ou seja, de pessoas que realmente existiam, introduzindo-as na obra como testemunhos da existência de Fradique. Daí a presença, no romance, de Antero de Quental, Oliveira Martins, J. Teixeira de Azevedo e Ramalho Ortigão. As cartas sempre endereçadas a essas personagens, apesar de aparentemente desordenadas, sem deixar de sugerir a falta de determinadas cartas, o que permite ao leitor uma sensação de serem elas verdadeiras.

A ilustre casa de Ramires

Trata-se de uma propaganda aberta da colonização portuguesa na África. Gonçalo Mendes Ramires, diferentemente de seus ancestrais, é um nobre decadente, de caráter pusilânime e duvidoso (colabora para o adultério da irmã em troca de cargos políticos), experimenta derrotas, fracassos e desilusões, até que muda para Moçambique, onde obterá o sucesso financeiro e a paz tão pretendida. Na verdade, Gonçalo representa o próprio país, Portugal que, pessimista e sem perspectivas, procura outras saídas para sua crise financeira e de valores, buscando, então, investir em países da África, a exemplo de Moçambique.

A cidade e as serras

Publicação póstuma (1901), em “A cidade e as serras” apresenta uma visão que deprecia a civilização urbana em benefício do campo, tomando por modelos Paris e uma pacata localidade rural portuguesa, denominada Tormes. Um dos personagens, José Fernandes, é quem relata a história do protagonista principal da história, Jacinto de Tormes. A ideia central do romance é previamente estabelecida: logo no início, o narrador apresenta uma convicção firme, que deprecia totalmente a civilidade urbana.

O Jacinto nascera e vivera sempre em um palácio dos Campos Elíseos, em decorrência de seu avô ter-se mudado para lá ainda jovem, por detestar a vida camponesa e encontrar-se sequioso pelo fausto da grande cidade. Rico e inteligente, o avô de Jacinto cercou-se de livros sobre todas as conquistas científicas e filosóficas, além de aparelhos sofisticados para sua época. Entendia que o homem, para ser superiormente feliz, devia ser superiormente civilizado.

Jacinto não tem as mesmas ideias do avô. A vida luxuosa em Paris enche-o de tédio profundo e sem solução. O pretexto para sua ida ao campo foi o traslado dos restos mortais de seus ancestrais para uma capela recém-construída nas imediações das propriedades da família, em Portugal. A viagem não ocorre sem atropelos para Jacinto: sua bagagem, por um engano de seu criado, é desviada para a Espanha, chegando ele a seu destino apenas com a roupa do corpo. Entretanto, isso não o impede de contagiar-se pela vida rurícola, que, paulatinamente, a cura definitiva de seu ócio urbano.

Ao surgir o encantamento de Jacinto com as serras, são descritos não só os contrastes entre as cidades e as serras, mas inúmeros detalhes da região do Douro. Ele, aos poucos, integra-se à vida camponesa e passa a empregar seus conhecimentos técnico-científicos em situações concretas da vida campesina, planejando construir queijarias, desenvolver lavouras, passa a levar médicos e boticários à região, para curar enfermos etc., embora não rompesse com os valores da vida civilizada em que se criara.

Por conseguinte, Jacinto passa a ver as serras como um lugar ideal e perfeito para viver. Torna-se solidário a sua população e integra-se a ela, passando a ser reconhecido como um verdadeiro pai dos pobres. Ao conhecer Joaninha, pessoa simples e sem maldades, prima de Fernandes, sua felicidade se completa, surgindo de sua união com ela dois filhos.

Enfim, Jacinto não mais volta a Paris, ao contrário de José Fernandes, que viaja mais uma vez para lá e passa a perceber as razões do ócio doentio do amigo: a pressa e a falsidade das pessoas, a degeneração moral e espiritual da sociedade, especialmente da elite em que vivia Jacinto, a exemplo do grã-duque Casemiro, da do conde e da condessa de Tréves, do banqueiro Efraim, da madame d’Oriol e outros.

O romance estabelece uma dialética importante, envolvendo os ideais da vida supercivilizada e o idílio camponês. De um lado, coloca-se a Ciência e a potência, de outro, a simplicidade da vida feliz.

É importante ressaltar que em “A cidade e as serras”, como em outros romances da terceira fase, observa-se um Eça de Queirós distante da realidade portuguesa: Fradique Mendes, por exemplo, era um indivíduo que só se retorna a sua terra quando desafiado; Jacinto, por seu lado, só retorna a Portugal ludibriado pelo amigo José Fernandes, que o convence construir uma capela na terra de origem de sua família. Situações semelhantes ocorrem em outras obras dessa fase.

A sineta tilintou.

– Oh Pimentinha, espera, homem, não deixes largar o comboio!...
As nossas bagagens, homem!

E, aflito, empurrei o enorme chefe para o furgão de carga, a pesquisar, descortinar as nossas vinte e três malas! Apenas encontramos barris, cestos de vime, latas de azeite, um baú amarrado com cordas...

Jacinto mordida os beiços, lívido. E o Pimentinha, esgazeado:

– Oh filhos, eu não posso atrasar o comboio!...

A sineta repicou... E com um belo fumo claro o comboio desapareceu por detrás das fragas altas. Tudo em torno pareceu mais calado e deserto. Ali ficávamos pois baldeados, perdidos na serra, sem Grilo, sem procurador, sem caseiro, sem cavalos, sem malas! Eu conservava o paletó alvadio, donde surdia o Jornal do Comércio. Jacinto, uma bengala. Eram todos os nossos bens!

O Pimentão arregalava para nós os olhinhos papudos e compadecidos. Conteí então àquele amigo o atarantado trasfego em Medina sob a borrasca, o Grilo desgarrado, encalhado com as vinte e três malas, ou rolando talvez para Madrid sem nos deixar um lenço...

– Eu não tenho um lenço!... Tenho este Jornal do Comércio. É toda a minha roupa branca.

– Grande arrelia, caramba! murmurava o Pimenta, impressionado.

E agora?

– Agora, exclamei, é trepar, para a quinta, à pata... A não ser que se arranjassem aí uns burros.

(fragmento do romance *A cidade e as serras*)



ATIVIDADES

1. Leia o livro *O Mandarim* e desenvolva uma breve análise sobre ele, buscando explorar os elementos da narrativa.

Havendo dificuldade para encontrá-lo ou adquiri-lo, seu texto se encontra disponível na web, no endereço abaixo:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000084.pdf>>.

2. Leia o romance *Alves & Cia.* e desenvolva um pequeno estudo sobre ele. Procure identificar as características do romance realista nele presentes.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADE

Procure explorar em ambos os livros os temas neles desenvolvidos, o tempo, o espaço, as personagens e, sobretudo, a crítica social. Procure apoio nos livros de teoria da literatura, no item elementos da narrativa

CONCLUSÃO

Conforme vimos nesta aula, a prosa realista (o romance, o conto), ao lado da poesia, cultivaram com sinceridade e convicção a literatura de combate e de ideias, criando obra de mérito, constituindo uma das épocas mais ricas da Literatura Portuguesa. A tradição tem reconhecido em Eça de Queirós o maior romancista da Literatura Portuguesa. Sem dúvida, Eça emprestou à ficção portuguesa um modo sui generis de escrever romances, sendo um dos autores mais lidos em língua portuguesa, ao lado de outros grandes nomes, como o nosso Machado de Assis, também realista.

RESUMO

No Realismo, o romance continuou como gênero amplamente utilizado como no Romantismo, mas tomou outra direção, pois voltou-se para a observação e crítica da realidade; caracterizando-se, sobretudo, pelo desígnio de transformá-la. Os escritores realistas não deixaram de disseminar os ideais da geração de 1870, buscando não só acompanhar a evolução dos campos filosófico e científico, mas usar suas obras como instrumento de combate e transformação social. Deve-se a Eça de Queirós a consolidação do gênero na literatura portuguesa do seu tempo. Ao realçar os aspectos cômicos da sociedade e enfatizar os preconceitos provenientes da tradição, Eça os expõe ao exame do mundo contemporâneo, sem medo do ridículo, desde que sua pretensão era bem maior: melhorar a sociedade em que vivia. A obra de Eça foi, portanto, vasta e profícua.



AUTOAVALIAÇÃO

Ao término da aula, sempre é bom a verificação do que foi aprendido acerca do assunto abordado: Quais os pontos que precisam de mais estudos e aprofundamento? Existem semelhanças entre a poesia e a prosa realista? Em que aspectos Eça de Queirós se aproxima de Antero de Quental? Quais as propostas do romance realista? Qual a trajetória da obra de Eça de Queirós? Você acredita que a obra dos realistas foi frutífera?



REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- DANTAS, Francisco J. C. **A mulher no romance de Eça de Queirós**. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira.
- AZEVEDO FILHO. Leodegário A. **Literatura portuguesa: história e emergência do novo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Niterói: EDUFF/PROED, 1987.
- MASSAUD, MOISÈS. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- _____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **Presença da literatura portuguesa III**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- _____. **Iniciação à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Amália Cochar. **Panorama da literatura portuguesa**. São Paulo: Atual, 1997.